

Jovens e a história, um survey intercultural latino-americano: alguns resultados

Luis Fernando Cerri *

Resumo

A comunicação relata os dados iniciais da pesquisa "Jovens e a História", desenvolvida pelos autores a partir de 2007. Trata-se de um *survey* intercultural que visa levantar os elementos pertinentes à aprendizagem histórica, consciência histórica e cultura política de jovens de 15 anos nos três países. O projeto é ainda um piloto para um *survey* mais amplo, e baseia-se em um questionário para alunos e outro para professores. Nos primeiros resultados já disponíveis, existem centenas de dados interessantes, mas nos ocuparemos de alguns dos mais destacados: a) embora participem das mesmas aulas, professores e alunos têm percepções distintas sobre a frequência e a intensidade de metodologias e temas; b) os dados revelam que a renovação metodológica é escassa, mas alguns avanços historiográficos já são perceptíveis nas concepções dos alunos; c) os jovens concentram sua atenção em objetivos e interesses individuais e familiares, havendo significativo descrédito quanto a identidades político-territoriais mais amplas; e d) a visão predominante entre os alunos quanto ao regime militar é negativa, prevalecendo a opinião sintonizada com os seus opositores de fracasso econômico e crise dos direitos humanos e liberdades civis.

Palavras-chave: levantamento intercultural. consciência histórica. cultura política. Mercosul

Abstract

The youth and the History: a Latin-American intercultural survey: some results.

This speech explains the initial *data* of the "Youth and History" project, developed by the authors since 2007. It deals about a intercultural survey that aims to search the components related to the historical learning, historical consciousness and political culture of 15 years old students at those three countries. The project is still a pilot to a wider survey, and it is based on a questionnaire for students and other for teachers. At the first results already available, there are hundreds of interesting *data*, but we'll concentrate on some of the most detached: a) in despite of teachers and students engage in the same classes, they have different perceptions about frequency and intensity about methodology and themes; b) the *data* reveals that the methodological renewal is scarce, but some historiographical advances are perceptible at the students conceptions; c) young ones concentrate their attention in individual and familiar interests and objectives, with relative faithlessness about political and territorial wider identities; and d) the predominant vision between students about the military regime (that happened at these three countries) is negative, prevailing the opinion syntonized with their opposites, that speak of economic failure and crisis of human rights and civil liberties.

Key-words: intercultural survey. historical consciousness. political culture. Mercosul

1. Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa

A presente pesquisa sustenta-se na ideia de que é possível levantar elementos da consciência histórica e da cultura política de populações determinadas por meio da resposta a

* Professor do Departamento de História e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutor em Educação pela Unicamp. Projeto de pesquisa financiado pela Fundação Araucária (Paraná).

questões nas quais os sujeitos identifiquem suas concepções gerais sobre o tempo e a história, com um componente decisional envolvido. Com isso, é possível também promover um levantamento sobre alguns aspectos do estado atual do ensino e aprendizagem de História. Tomamos por consciência histórica “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2001, p. 57) ou ainda “o grau de consciência da relação entre o passado, o presente e o futuro” (ANGVIK e BORRIES, 1997, p. 403). Por sua vez, o conceito de cultura política “refere-se às orientações especificamente políticas, às atitudes com respeito ao sistema político, suas diversas partes e o papel dos cidadãos na vida pública”, segundo Almond e Verba (apud BORBA, 2005, p. 148). De acordo com o cientista político José Álvaro Moisés, há um consenso quanto a esse conceito, que envolve “a generalização de um conjunto de valores, orientações e atitudes políticas entre os diferentes segmentos em que se divide o mercado político e resulta tanto dos processos de socialização, como da experiência política concreta dos membros da comunidade política (MOISÉS, 1992, p. 7).

Os questionários - um para professor, e um para alunos - incluem temas sobre os quais os respondentes manifestam-se marcando o nível de sua concordância com as afirmativas através da escala Likert (cinco níveis variando de péssimo a ótimo, discordo totalmente a concordo totalmente e assim por diante), a partir da qual se atribui valores numéricos a cada resposta (de -2 para a resposta mais negativa, passando por zero para as respostas neutras e 2 para a resposta mais positiva), sendo que o tratamento é a produção de médias que permitem ver a concordância média com cada afirmação, e a definição de desvio padrão, que permite conhecer a média da variação das respostas. Os questionários foram baseados naqueles usados pelo projeto europeu Youth and History, desenvolvido pela Standing Conference on History Didactics, em meados dos anos 90, com a participação de 33 países europeus, além de Turquia, Israel e a Autoridade Palestina. Obviamente, foi feita uma adaptação à realidade sul-americana, incluindo modificações para o esclarecimento de algumas questões, supressão de outras e a inclusão de questões de interesse regional específico (por exemplo, sobre a experiência comum das ditaduras militares até os anos 80).

As questões para os alunos envolvem opiniões sobre o significado da história, a importância de seus objetivos, formas de história que mais agradam e em quais mais se confia, importância de religião e política, as práticas de sala de aula, conhecimentos de cronologia sobre processos históricos, interesse em períodos e temas de história, noção de passado e projeções para o futuro (pessoal e coletivo), tópicos importantes do conteúdo

escolar da história (Idade Média, Colonização, Revolução Industrial, Adolf Hitler, grau de importância de elementos da vida pessoal e coletiva, sentido da História, interpretação da riqueza e pobreza, compreensão da historicidade, definições de nação, solidariedade social, próceres, Mercosul, democracia, papel da mulher, governos militares e posicionamento quanto a temas polêmicos contemporâneas. O questionário dos professores é mais restrito, é em geral aplicado aos professores dos alunos respondentes, e tem por objetivo comparar concepções e práticas de sala de aula com os alunos, além de levantar informações adicionais sobre o contexto em que os alunos responderam os questionários. Até o momento, foram computados 986 questionários de alunos e 45 de professores incluindo Brasil, Argentina e Uruguai ¹.

2. Professores, alunos veem e o que acontece na aula de História

Na figura 1 temos o gráfico que sintetiza as respostas dos alunos à pergunta sobre o que ocorre nas aulas de História. É possível notar a persistência dos elementos mais tradicionais do ensino de História: a aula expositiva e o uso de livros e outros materiais didáticos assemelhados é apontado como prática mais frequente pelos alunos, atingindo respectivamente a média de 0,87 e 1,22 pontos na escala que vai de -2 (muito raramente) a +2 (muito frequentemente). Isso não constitui surpresa, dado que os estudos vêm demonstrando a persistência de modelos tradicionais arraigados na cultura escolar. As práticas que tiveram frequência negativa, ou seja, abaixo do zero (que por sua vez significa “às vezes”) foram, pela ordem, a interpretação da história por parte do aluno (-0,34), trabalho com recursos audiovisuais (-0,52) e trabalhos fora da sala de aula como encenações, ida a museus e projetos com a comunidade (-0,9). Outros estudos posteriores com os mesmos dados poderão comparar esses dados entre os países envolvidos ou entre os tipos de escola que foram considerados (escolas públicas de excelência, em bairros de periferia e centrais, escolas particulares laicas e religiosas).

A figura 2 permite comparar respostas de professores e alunos quanto aos objetivos nos quais se investe nas aulas de História. A mesma pergunta foi feita aos dois grupos, com as alternativas formuladas para cada situação (por exemplo, os professores avaliaram a

¹ As cidades envolvidas incluem Ponta Grossa, Curitiba, Londrina, Cornélio Procópio, Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Francisco Beltrão (todas no Paraná), La Plata, Santa Fe, Malvinas Argentinas, San Miguel, e José C. Paz (na província de Buenos Aires, Argentina), Montevideú, Solymar e Florida (no Uruguai). Não se trata de amostras estatísticas, mas de um ensaio de aplicação do instrumento. As conclusões, portanto, não são dadas em termos de representatividade, mas de indícios para a continuidade da investigação e da reflexão.

intensidade com que querem que os alunos usem a História para explicar a situação do mundo atual, ao passo que os alunos deveriam responder o quanto suas aulas se concentram nesse mesmo objetivo. O dado mais significativo é que as médias dos professores são muito mais “otimistas” do que as médias dos alunos. Para a questão acima, por exemplo, os professores indicaram uma média de 1,5, enquanto os alunos revelaram uma média de 0,6. O julgamento moral dos eventos históricos (bom e mau, certo ou errado na História) não tem média negativa, mas tem uma das taxas mais baixas de afirmação entre professores (0,21) e alunos (0,17) embora a percepção do que efetivamente ocorre em sala por parte dos alunos seja um pouco diferente (0,60 - Figura 1), enquanto os professores, nesse quesito, mantêm-se próximos à média de quando se pergunta sobre objetivos (0,26 - Figura 1). O motivo para esse tipo de postura parece ser a construção de uma linha ética sustentada na ideia de que professores de História não devem meter-se com juízos de valor. Esse tipo de hipótese não pode ser confirmada dentro do alcance dos dados dessa pesquisa, e, portanto demandar-se-ia outro tipo de investigação com outro tipo de instrumento para investigar as motivações do que se constatou quantitativamente. Faz parte do papel da pesquisa quantitativa indicar regularidades e fenômenos, mapeando questões antes não sabidas ou percebidas, e encaminhando novas investigações, quantitativas ou qualitativas.

Na maior parte dos itens referidos nas figuras 1 e 2, as médias de professores são mais positivas que a dos alunos. Coincidem - quando se trata da freqüência do que acontece - nos itens uso de livros, aulas expositivas e discussão de interpretações diferentes do passado e - quando se trata de concentração em objetivos - pouco julgamento moral do passado - mas discordam em quase todas as percepções do que acontece. Os professores sempre indicam que acontece mais pesquisa de diferentes fontes, discussão e reinterpretação da história, uso de recursos audiovisuais e atividades extraclasse do que percebem os alunos, que marcam menos intensidade ou mesmo negativamente em todos esses itens. Quanto a objetivos, todas as médias são positivas, mas novamente os professores apresentam médias mais altas do que os alunos no que se refere a imaginar o passado considerando todos os pontos de vista, compreensão do comportamento das pessoas no passado, reconhecimento das características e missão da nossa sociedade, estudo da história de forma divertida e uso do conhecimento para explicar o presente e as tendências de mudança. Nos três últimos itens a diferença é maior, com o índice dos professores superando o dobro do índice dos alunos. Na figura 2, o único item em que a média dos alunos supera a dos professores é no objetivo de adquirir conhecimento sobre os principais fatos da História.

Esse conjunto de dados indica que a renovação metodológica é escassa, e que ela tende a ser mais um objetivo manifestado pelos professores do que uma prática que efetivamente consigam realizar a contento em sala de aula, quaisquer que sejam os motivos ou condicionamentos. Por outro lado, quando passamos ao aspecto da renovação historiográfica, podemos perceber alguns avanços.

3. Incorporação de mudanças da historiografia e dos objetivos educativos da História

Um exemplo é a visão geral que se construiu sobre a Idade Média. Temos que a visão tradicional referente ao tema construiu-se a partir da visão renascentista e iluminista da mesma como “idade das trevas”, e que essa perspectiva foi disseminada - sobretudo no Uruguai e na Argentina, em que a laicidade teve efeito mais forte - no ensino de História. A revisão da mesma deve-se a estudos de medievalistas franceses, sobretudo Marc Bloch, mas que tem na década de 1970, com a difusão da obra “A civilização do Ocidente Medieval”, de Jacques Le Goff (de 1967), seu marco mais expressivo na divulgação científica. Considerando que o ensino de História nesse período estava mais sujeito, nos três países estudados, ao atendimento dos objetivos dos regimes militares que à incorporação de novidades historiográficas, podemos conceder que a chegada dessa perspectiva ao ensino (ou seja, materiais didáticos, programas e formação de professores) liga-se aos anos 80. Olhando no presente, podemos afirmar, dentro das limitações desse estudo, que essa perspectiva geral quanto ao passado medieval está incorporada ao ensino.

Na figura 3, temos o gráfico que resume as médias e desvios padrão das diversas respostas à pergunta “Ao que você associa a Idade Média”. As duas respostas negativas são “Uma época obscura e supersticiosa” e “Um período romântico de aventura com cavaleiros e donzelas”. Deve-se notar, entretanto, que são negativas fracas, com -0,12 e -0,53, respectivamente, e com desvios padrão relativamente altos (em torno de 1,0), o que indica que a medida da dispersão das respostas coloca a faixa das mesmas acima e abaixo da média, o que, por seu turno, aponta para um processo de consolidação em curso dessa tendência.

A afirmativa mais forte a essa questão sobre a Idade Média (0,79) aponta a resposta “Um período em que os camponeses eram dominados pela nobreza, pela Igreja e pelo Rei”, que puxa para uma análise das relações sociais do período, seguida de “Um tempo de grande influência da Igreja” (0,65).

Quanto ao regime militar, a conclusão preliminar que se constrói sobre o aprendizado dos alunos aponta que falharam os esforços desses governos nos três países ao formar os

professores que ensinariam as próximas gerações dentro da aceitação dos termos da Doutrina de Segurança Nacional. Na figura 4 é possível perceber que os principais argumentos pelos quais se sustentou os regimes militares são rejeitados: manutenção da ordem e desenvolvimento (-0,28 para alunos e -0,69 para professores) e defesa da soberania nacional (-0,09 / alunos e -0,56 / professores). Por outro lado, as principais críticas ao projeto nacional desse período são incorporadas: desrespeito à Lei e direitos humanos (0,59 / alunos e 0,94 / professores), autoritarismo (0,76 / alunos e 1,16 / professores) e crise econômica (0,41 / alunos e 0,38 / professores). Nota-se que, à exceção da última resposta, nas demais tanto as afirmativas quanto as negativas são mais fortes entre professores que entre os alunos, o que pode indicar uma reprodução das ideias entre uma e outra geração, mas com menor intensidade entre os jovens.

Por outro lado, a pesquisa permite identificar áreas em que os objetivos do ensino de História estão ainda distantes de serem cumpridos. É o caso de capacidades complexas, como a incorporação da empatia com pessoas que viveram em outros tempos, procurando compreender como pensavam e aplicar seus critérios para simular decisões que tomariam. Em outras palavras, ser capaz de entender e aplicar a historicidade do pensamento e das relações sociais. Pediu-se aos respondentes que simulassem uma situação no século XVII, em que fossem obrigados a casar por ordem dos pais e interesse econômico com alguém que não conheciam. Existiam opções compatíveis com o pensamento da época, mas as respostas que foram mais assinaladas refletem o pensamento contemporâneo (recusaria porque isso seria desumano, cruel e ilegítimo, com 44%, e recusaria porque é direito natural casar-se por amor, com 28,23%). As respostas que admitem a aplicação de perspectivas de pensamento da época indicada (as que apontam a obediência, mas por motivos diferentes: interesse econômico mais importante que amor romântico, por ser comum casar-se conforme o interesse dos pais, porque desobedecer aos pais é como desobedecer à lei de Deus, e a alternativa de ir ao convento ou mosteiro porque a vida religiosa é mais digna) somaram juntos 22,5% das escolhas.

4. Horizonte pessoal *versus* horizonte coletivo

A pesquisa também colabora para uma compreensão mais detalhada sobre os pontos de vista da geração que está na escola hoje. Um dos aspectos é perguntar aos alunos que importância tem cada um dos itens em sua vida. Entre o que mais importa para os alunos que responderam está a família (1,77), amigos (1,56), proteção do meio ambiente (1,47) e bem

estar e segurança social (1,4). Meu grupo étnico, dinheiro que possa adquirir, minha fé e democracia estão entre os itens que recebem menor atenção, e não passam de 0,57. Solidariedade com os pobres de meu país recebe 1,09, enquanto com os pobres de outros países recebe 0,75; o meu país, por seu turno, recebe 0,96. Em suma, o nacionalismo está a meio caminho entre os interesses pessoais estritos e identidades de menor apelo, como a étnica e religiosa. Por outro lado, o apelo ambiental e a paz social superam o próprio país como apelo mais importante.

Nota-se a prática efetiva dos apelos de nossa sociedade, concentrados na perspectiva individual e individualista, mas com concessões para a preocupação ambiental e social, e só então a identidade nacional, o que parece apontar para os efeitos dos discursos referentes à globalização, mesclados às interpretações da vida cotidiana e das notícias dos meios de comunicação.

Conclusões

Esperamos ter demonstrado, com essa pequena amostra de resultados e suas potencialidades reflexão e aplicação, que o conjunto de 42 questões para os alunos e pouco mais de 20 para os professores encerra amplas chances de iluminar aspectos e compreender melhor o que é e como funciona o ensino de História nesses três países.

Essas possibilidades não se aplicam apenas às funções heurísticas da pesquisa, mas às funções aplicadas, ou seja, a condição de contribuir para o direcionamento de ações, em curta e larga escala, para aperfeiçoar o ensino de História e mesmo de outras disciplinas. O que tem ocorrido historicamente nesse campo é a implementação de ações “às cegas”, junto com a pouca avaliação de resultados para consolidar alterações ou corrigir rumos. Um *survey* mais amplo e estatisticamente representativo, do nosso ponto de vista, uma contribuição indubitável para a educação no Mercosul.

Referências bibliográficas

ANGVIK, Magne e BORRIES, Bodo von (eds.) *Youth and History*. A comparative european survey on historical consciousness and political attitudes among adolescents. Hambourg: Edition Körber-Stiftung, 1997. Vol. A.

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns Apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. XI, nº 1, Março, 2005, p. 147-168.

MOISÉS, José Álvaro. Democratização e cultura política de massas no Brasil. *Lua Nova*. São Paulo, n. 26, p. 5 - 51, 1992.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica - Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

Figuras

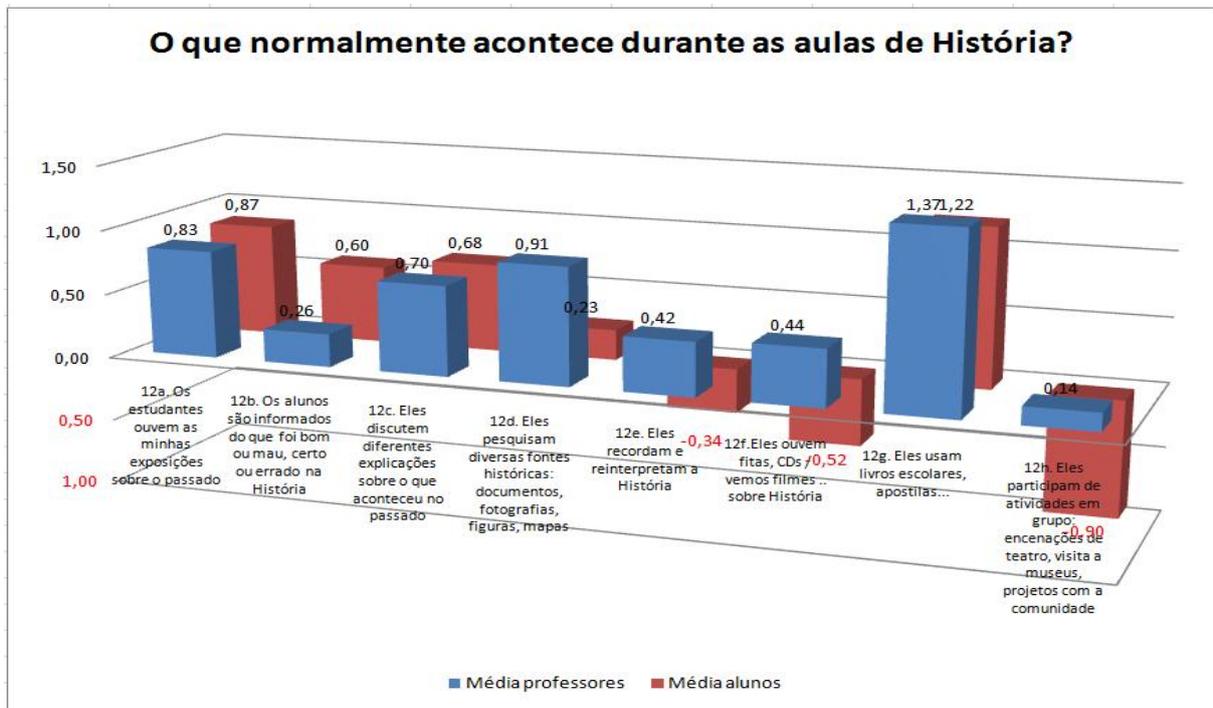


Figura 1

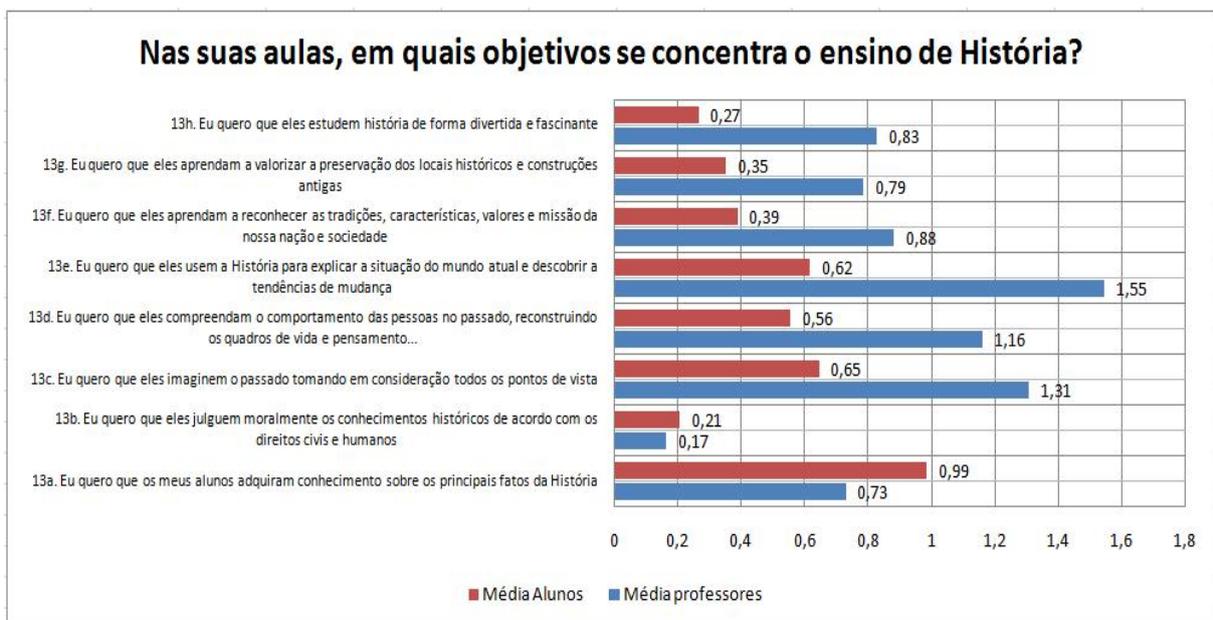


Figura 2

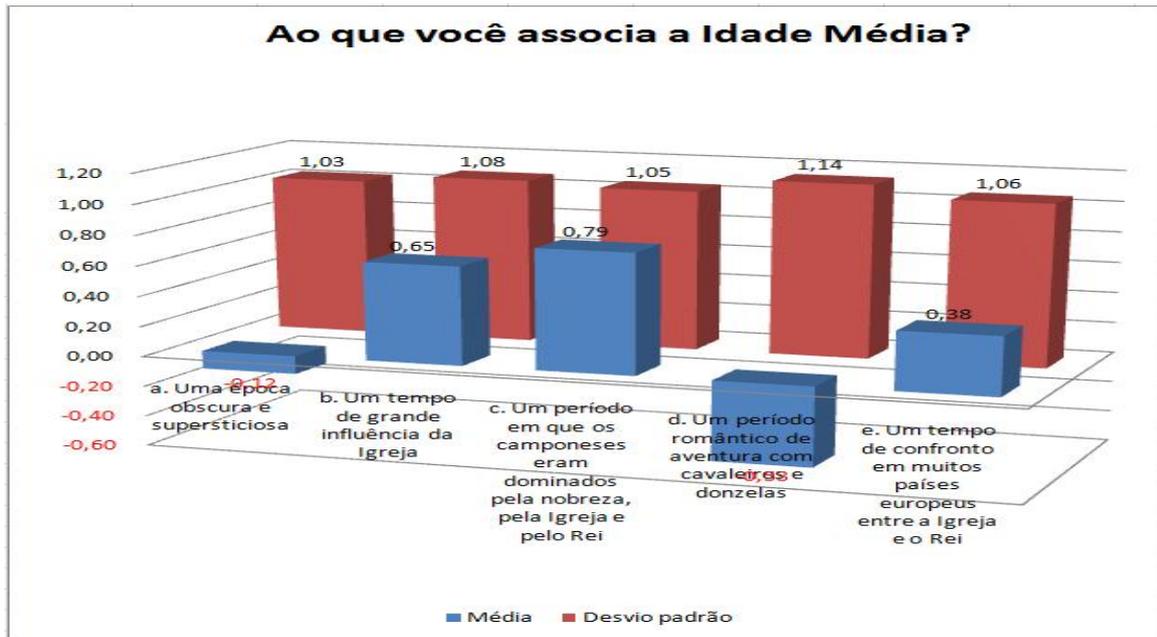


Figura 3

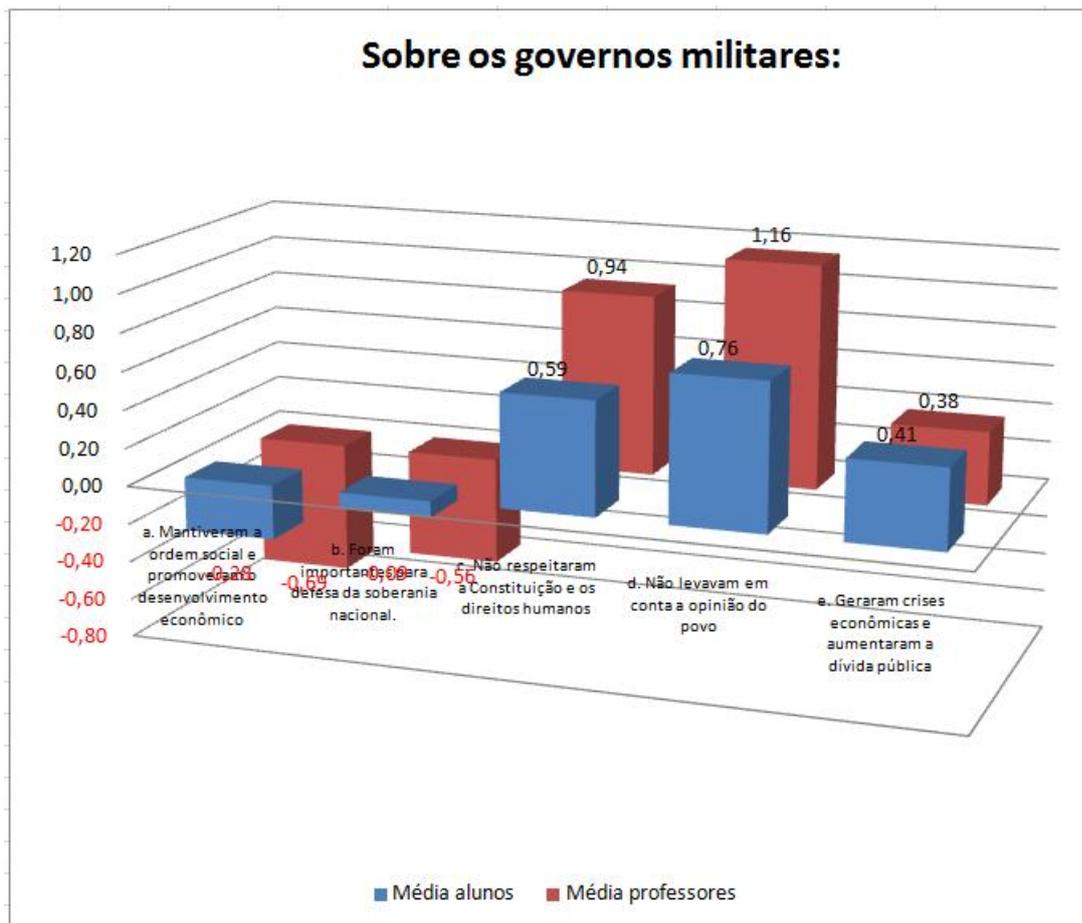


Figura 4